

# **XXXI Encontro de Lisboa, 19 de outubro de 2021**

## **Intervenção de abertura pelo Governador do Banco de Portugal, Mário Centeno**

Senhor Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e Cooperação,

Senhores Governadores e Vice-Governadores,

Senhores Embaixadores,

Caras Convidadas e caros convidados,

É com gosto que dou início aos trabalhos do 31º Encontro de Lisboa.

A coordenação e a colaboração são fundamentais para enfrentarmos com sucesso os múltiplos desafios que temos pela frente. Esse é o sentido da nossa atividade de cooperação, em geral, que tem no Encontro de Lisboa uma expressão pública e visível.

As perspetivas atuais apontam para uma recuperação económica a diferentes velocidades. A recuperação das economias, sobretudo das avançadas, deverá continuar a apoiar a retoma da procura global e do comércio internacional. Na área do euro, as políticas e a reação dos agentes permitem encarar com otimismo o regresso aos níveis pré-pandemia até ao final deste ano, recuperando as trajetórias anteriores à crise em 2023. Em contrapartida, as novas variantes do vírus e as dificuldades de acesso e distribuição de vacinas penalizam o ritmo da recuperação global, o que é especialmente patente nas economias emergentes e em desenvolvimento.

Os bancos centrais foram cruciais na resposta à pandemia, criando condições de financiamento e apoio à liquidez, ao investimento e à retoma da atividade económica. As reformas na regulação e supervisão, preparadas antes da pandemia, foram essenciais. Agora, numa fase de recuperação, mas com incerteza, a atuação e comunicação dos bancos centrais deve pautar-se por prudência, flexibilidade e firmeza.

Salvaguardada a estabilidade de preços, a política monetária deverá continuar a apoiar a recuperação e a estabilidade financeira a médio prazo. A evolução dos custos de financiamento (e a gestão dos riscos de refinanciamento) será determinante na retoma das trajetórias de crescimento.

Nas reuniões da passada semana, o FMI e o Banco Mundial alertaram para o agravamento das desigualdades à escala mundial, já que alguns efeitos da pandemia persistirão a médio prazo. Neste contexto, foi instada ação determinada na intensificação do processo de vacinação mundial, a calibração das políticas económicas e a aceleração do processo de transformação das nossas economias. Na sequência da recente atribuição geral de DSE pelo FMI foi expressivo o compromisso com o objetivo de maximizar o seu impacto para os países mais vulneráveis, em nova demonstração do poder da cooperação multilateral.

Não podemos esquecer que perduram na agenda global problemas de enorme gravidade. Neste Encontro, vamos abordar as alterações climáticas, “uma ameaça existencial”, nas palavras do Secretário Geral das Nações Unidas.

A urgência de atuar com determinação e eficácia é evidente em eventos climáticos extremos mais frequentes, intensos e prolongados. Vivemo-los nos nossos países. E essa urgência vai estar em foco nas próximas semanas, à medida que nos aproximamos da COP-26. Aguardam-se aí passos significativos em direção à neutralidade climática. Mas também em direção a um mercado global de emissões de carbono ou à canalização para os países em desenvolvimento de recursos financeiros para apoiar a sua transição climática. Deverá também sair reforçado o papel do sistema financeiro neste domínio.

Permitam-me uma breve referência à cooperação do Banco de Portugal. Em 2021, esta expressa-se em mais de 150 ações, 93% a decorrerem de forma digital. Alargámos o número de instituições parceiras, com grande destaque para os bancos centrais dos países de língua portuguesa, e envolvemos mais colaboradores e mais participantes em formação e assistência técnica.

Apostámos nas ações de formação - cursos e seminários ganharam uma adesão expressiva, apoiámos estudantes e quadros dos bancos centrais no prosseguimento de estudos superiores em Portugal.

Hoje divulgamos mais uma edição da *Evolução das Economias dos PALOP e de Timor-Leste*, um contributo para o conhecimento da realidade económica destes países e das suas relações económicas e financeiras com Portugal.

Volto ao tema do nosso Encontro deste ano – as alterações climáticas. O Banco de Portugal tem dado passos ao incorporar o tema do clima nas nossas análises, investigação e práticas; nos compromissos públicos; no essencial no trabalho que desenvolvemos. Pomos em prática ações enquanto instituição e empresa e, claro, no quadro do nosso mandato, e também como supervisor.

Em 2018, o Banco de Portugal aderiu à NGFS – a *Network for Greening the Financial System*. Hoje, com quase 100 membros, a NGFS permite troca de experiências, de melhores práticas e a possibilidade de intervir e contribuir para trabalhos técnicos, proporcionando uma contribuição inestimável para o entendimento e posicionamento nesta matéria. Quisemos com a escolha do tema deste ano trazer as questões climáticas para o centro da nossa agenda de cooperação.

É hora de passarmos dos alertas e compromissos à ação.

Temos connosco hoje, como orador principal, Frank Elderson: julgo que não podia haver melhor escolha para falar de alterações climáticas e da ação dos bancos centrais. No final, convido os meus colegas dos bancos centrais e outros convidados a partilharem as suas reflexões.

I will now briefly turn to English, to welcome Frank Elderson, who kindly accepted our invitation to share his vast experience of these matters, especially at the helm of the NGFS since its beginning in 2017, and more recently also at the ECB Executive Board. Thank you, Frank, for joining us today. I am well aware of how committed, and even passionate, you are about promoting awareness of climate change in financial circles – and beyond. We are all very much eager to listen to you. Please, the floor is yours.